

O DISCURSO FUNDADOR E A IDENTIDADE CAPIXABA: O ADVENTO DO PRÉ-SAL NO ESPÍRITO SANTO

Marcos Roberto Machado*

Resumo: Este artigo toma como ponto de partida o caráter subalterno comumente associado ao estado do Espírito Santo que vem ao longo de sua constituição enfrentando diversos obstáculos para se afirmar como um Estado forte e representativo na região mais rica do Brasil: o Sudeste. Assim, estudamos o papel da mídia capixaba, representada pelo jornal *A Gazeta*, na veiculação de discursos que inserem o ES em um processo de mudança simbólica, a partir do advento do pré-sal e dos benefícios que essa descoberta poderá trazer para o Estado, em dois momentos distintos: antes e depois da descoberta do pré-sal. A partir de um diálogo interdisciplinar principalmente entre autores como Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Eni Puccinelli Orlandi constituímos um viés discursivo para o entendimento das relações que podem ser estabelecidas entre identidade e discurso. A análise realizada mostrou discursos marcantes nas reportagens de *A Gazeta*, recriando, por um lado, uma imagem forte do Estado, capaz de funcionar como um emblema para a identificação do capixaba com uma terra de desenvolvimento, instituindo um discurso fundador na medida em que (re) cria novos sentidos para o “ser capixaba”, mas, por outro, mostrando um Estado frágil interna e externamente, que tende a reforçar os valores ambíguos com os quais o capixaba se identifica.

Palavras-chave: Discurso. Identidade. Espírito Santo. Petróleo.

Résumé: Ce travail a comme point de départ le caractère subalterne généralement associé à l'État de Espírito Santo qui a affronté au long de sa constitution divers obstacles pour s'affirmer comme un État fort et représentatif dans la région la plus riche du Brésil : le sud-est. Ainsi, il nous a été intéressant d'étudier le rôle des médias capixabas, représentés ici par le quotidien *A Gazeta*, dans la transmission de discours qui insèrent le ES dans un processus de changement symbolique, à partir de l'avènement du pré-sal et des bénéfices que cette découverte pourra apporter à l'État. À partir d'un dialogue interdisciplinaire principalement entre des auteurs comme Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Eni Puccinelli Orlandi on a constitué une voie discursive pour la compréhension des relations qui peuvent être établies entre identité et discours. L'analyse réalisée a montré des discours marquants dans les articles de *A Gazeta*, à différents moments, recréant, d'un côté, une image forte de l'État, capable de fonctionner comme un emblème pour l'identification du capixaba avec une terre de développement, en instituant un discours fondateur dans la mesure qu'il (re) crée de nouveaux sens pour l'« être capixaba », mais, d'un autre côté, en montrant un État intérieurement et extérieurement fragile, qui tend à renforcer les valeurs ambiguës avec lesquelles le capixaba s'identifie.

Mots-clés: Discours. Média. Identité. Espírito Santo. Pétrole

Nos últimos anos, o Estado do Espírito Santo passou por momentos de grandes expectativas de progresso. De um estado pobre, endividado e com a imagem corrompida pelos escândalos na

* Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGEL), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: marcosro_ma@hotmail.com

política que marcaram a década de 1990, o Estado parecia remodelar sua imagem no país, destacando-se na região mais rica e conhecida do Brasil, o Sudeste.

Durante o ano de 2009, era bastante recorrente encontrarmos, nas principais avenidas da Grande Vitória, quadros publicitários ou *outdoors*, que anunciavam investimentos no setor público da ordem de um bilhão de reais. Esse investimento bilionário contemplava, entre outros setores, a educação e a saúde, e só foi possível graças a algumas mudanças que vinham acontecendo no Espírito Santo e que eram comumente relacionadas a dois fatores principais: o primeiro dizia respeito às ações políticas empreendidas pela equipe governamental eleita em 2002. A figura mais representativa dessa equipe era o governador Paulo Hartung que, reeleito em 2006 com recordes de aprovação popular, manteve o mesmo posicionamento político no Estado, sobretudo, no que tange à luta contra a corrupção.

O segundo fator foi a descoberta de grandes poços de petróleo nas profundezas dos mares capixabas. A chamada camada pré-sal, como é conhecida a localização onde é encontrado esse tipo de óleo, ofereceu ao Espírito Santo a possibilidade de iniciar novos caminhos, já que, com a exploração dos poços encontrados, grandes somas de dinheiro provenientes dos *royalties* seriam repassadas aos municípios. Assim, as políticas públicas existentes poderiam ser potencializadas com fundos extras, e também novas políticas poderiam ser implementadas, melhorando, visivelmente, a qualidade de vida da população capixaba.

Interessante ressaltar que a camada pré-sal, antes mesmo de ser explorada comercialmente, já trazia grande visibilidade para o Espírito Santo. Essa novidade inflamou diversas discussões de cunho oficial no Congresso Brasileiro, o que impediu o avanço mais rápido da exploração. Essa expectativa centrada numa fonte de riqueza e em sua exploração efetiva foi suficiente para situar o Estado no contexto brasileiro como uma promissora potência nacional que, embora ainda tímida, ganharia força para crescer. O estereótipo do Espírito Santo como “primo pobre” dos outros estados da região sudeste, sempre escondido sob a sombra dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o que não se deve a uma história recente, parecia estar mudando.

Do ponto de vista da identidade capixaba, esse sentimento de não-reconhecimento ou de invisibilidade na região sudeste e no cenário nacional afeta diretamente as maneiras de ser dos capixabas e nos leva a repensar nossa vida social: afinal que lugares ocupamos na região mais rica do Brasil? Quem somos nós? Qual é nossa identidade?

Nesse sentido, a possibilidade de ser reconhecido como um grande produtor de petróleo comparado aos “vizinhos ricos”, de poder realizar grandes obras e mudar a paisagem do Estado, ao mesmo tempo em que milhares de postos de trabalho são criados e prometidos, com a expectativa de geração de emprego e renda, é ter a esperança de que o Estado caminhe a passos largos rumo ao reconhecimento, não apenas pelos outros, mas, principalmente, pelo próprio capixaba.

Dentro desse contexto, interessa-nos, sobretudo, o papel da mídia capixaba, principalmente a mídia escrita representada por um dos maiores jornais do Espírito Santo – *A Gazeta* – na veiculação de discursos cujo tema central é o advento do petróleo no Estado. Ora, as mídias acham-se na contingência de dirigir-se a um grande número de pessoas, ao maior número (CHARAUDEAU, 2006), e para que isso aconteça, elas precisam despertar o interesse, veiculando um conteúdo que seja atrativo. Logo, no que tange ao Espírito Santo, fomentar um discurso de progresso e de riquezas para todos é garantia de sucesso imediato.

Por um conceito de identidade

O conceito de identidade vem sendo bastante estudado nas últimas décadas nas Ciências Humanas e Sociais, com forte presença nos Estudos Culturais, na Sociologia, na Filosofia e, mais recentemente, na Linguística, tornando-se um dos mais importantes objetos de debates.

Um ponto em comum destacado nos diversos estudos sobre esse conceito disponíveis na bibliografia consultada é a ideia de que as velhas identidades estão desaparecendo, dando origem a novas identidades e, assim, o indivíduo moderno, que por muito tempo foi visto como um sujeito unificado, experimenta uma crise de identidade, um processo amplo de mudança que vem deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades, abalando os pilares que sustentavam os indivíduos no mundo social. O fato é que a partir do século XX, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade vêm se fragilizando e isso tem grande efeito nas identidades pessoais, abalando a ideia de sujeitos integrados, estáveis, racionais e donos do seu saber defendida pelo Iluminismo. O que se vê, hoje, é uma perda do “sentido de si”, que de acordo com Hall (2006), também pode ser entendida como um deslocamento ou uma descentração do sujeito.

Esse processo de mudança, de fragmentação, vem transformando a própria modernidade. Bauman (2005) denomina o período em que vivemos de “modernidade líquida”, no qual a identidade está em constante processo de transformação, já que tudo é muito efêmero e fluido. Para Mercer (1990), a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se acreditava fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza, que caracteriza bem a sociedade contemporânea. Visto tratar-se de um conceito controverso, percebemos que diversos caminhos e terminologias para este termo são criados na tentativa de tentar entender ou definir de forma mais precisa esse conceito.

As mudanças que vêm ocorrendo, sobretudo nas últimas décadas, mudam a face do mundo, criando estilos, costumes de vida e novas formas de organização social (FRIDMAN, 2000). Assim, muito se tem questionado sobre as práticas sociais atuais e esses questionamentos têm grande efeito sobre a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da nacionalidade e da regionalidade. O fato de vivermos em um mundo multicultural – presenciamos isso ao ligar a televisão, ler o jornal, navegar na rede ou simplesmente sair na rua – ajuda-nos a entender alguns desses questionamentos. O que mostra “que essa multiculturalidade para a qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos *gays*, feministas, de *rastafáris*, de *hip hop*, de trabalhadores rurais sem terra etc.” (MOITA LOPES, 2003, p.15). Assim, não nos espanta que nossos valores, crenças e ideologias sejam constantemente e profundamente questionados.

Assim, ao estudarmos as várias abordagens de identidade, percebemos que em praticamente todas elas encontramos um conceito de identidade relacionado à noção de processo, ou seja, de algo que está sempre em movimento, adaptando-se às transformações da sociedade, do mundo líquido. O sujeito detentor de uma identidade única não tem mais lugar no mundo contemporâneo, nossa identidade se desdobra em várias outras que, por sua vez, também são transformadas e ajustadas. Neste trabalho adotaremos essa perspectiva por entendermos que representações, imagens e sentido, mais estáveis ou mais desestabilizados, que se produzem no Estado no discurso da imprensa são vetores potenciais de processos identitários de manutenção e/ou reconstrução de identidades capixabas.

O discurso fundador: novos sentidos, novas identidades

Eni Puccinelli Orlandi, em 1993, organiza *O Discurso Fundador: a formação de um país e a construção da identidade nacional*, uma coletânea de textos que objetiva discutir as questões relacionadas ao conceito de identidade e suas relações na construção de uma identidade nacional. No capítulo inicial, a autora nos convida a refletir sobre a capacidade de os sentidos transformarem-se em outros, construindo história. O que deve ser destacado não é a história dos fatos, mas sim o processo simbólico que se articula também com o inconsciente. Logo, na relação com a linguagem e os sentidos, construímos nosso imaginário social e passamos a “fazer parte de um país, de um Estado, de uma história e de uma formação social determinada” (1993, p. 13).

Nesse processo de construção simbólica, os sentidos despertados são muitas vezes resultados de uma ruptura com aqueles já instalados. Assim, uma nova ordem de sentidos é estabelecida, e uma nova tradição é criada. Temos, então, o que Orlandi nomeia de discurso fundador, pois ele ressignifica os sentidos anteriores, instituindo uma outra memória. Logo, o discurso fundador é entendido em sua historicidade e por sua relação com o processo de produção dominante de sentidos, pois está na base de uma “ruptura que cria uma filiação de memória, com uma tradição de sentidos e estabelece um novo sítio de significância” (1993, p. 23-24).

O discurso fundador também se relaciona com a noção de identidade na medida em que certos discursos produzem determinados sentidos que ligam a formação do país à formação de uma ordem do discurso, a partir da qual se observa o surgimento de uma identidade. Orlandi mostra, por meio de análises de textos do *Diálogo da conversão do gentio*, do padre Manoel da Nóbrega, escrito em 1558, como a formação de um país interfere nos processos de reconstrução de identidades, já que as regras impostas aos índios, numa tentativa de apagamento dos seus hábitos culturais, e o convívio de trabalhadores portugueses no Brasil, que acabaram por esquecer suas raízes, refletiram na própria formação do país.

Orlandi (1993) nos mostra, assim, o papel do discurso fundador na formação de um país, destacando que é esse discurso que instala as condições de formação de outros, filiando-se à sua própria possibilidade, instituindo em seu conjunto um complexo de formações discursivas, uma região de sentidos, um sítio de significância que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade.

Discursos ambivalentes: das contradições às certezas

Após percorrermos algumas noções teóricas sobre o conceito de identidade, e de discurso fundador, iniciamos nossa análise com uma breve contextualização sobre a extração de petróleo no Espírito Santo.

A história do petróleo no ES não é recente, a primeira ocorrência desse óleo no Estado foi em 1967, no município de São Mateus. Após esse ano, muitas outras descobertas de poços foram feitas, mas nenhuma delas se compara a do pré-sal.

O Espírito Santo, então, beneficiado com essas descobertas começou a se destacar cada vez mais na produção de petróleo e gás natural, com isso várias cidades capixabas passaram a receber os *royalties* relativos à exploração do óleo e do gás em seus territórios. Esses recursos, de acordo com o Governo do Espírito Santo, em texto disponível no site oficial do governo na internet:

Só podem ser gastos em saneamento básico, destinação final de resíduos sólidos, universalização do ensino fundamental e atendimento à educação infantil, atendimento à saúde, construção de habitação para população de baixa renda, drenagem e pavimentação das vias urbanas e construção de centros integrados de assistência social. (SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO, 2010).

Nesse sentido, com a atividade exploratória, as cidades beneficiadas tendem a apresentar um maior desenvolvimento no que toca às questões sociais, já que o dinheiro chega e deve ser investido. No entanto, nem sempre é assim.

No dia 23 de março de 2008, o jornal *A Gazeta* veiculou a reportagem de capa *Onde está (e não está) o dinheiro do petróleo*. O objetivo dessa reportagem é mostrar como as cidades campeãs de repasses de *royalties* no ES – Presidente Kennedy e Linhares – gastavam esse dinheiro. Logo na capa desta edição do jornal, percebemos duas perspectivas que se opõem na construção da reportagem, pela contraposição que fazem os elementos verbais e não verbais. Enquanto o subtítulo da matéria nos orienta em direção a um discurso positivo – *Caixa cheio: Riqueza do ouro negro chega a Presidente Kennedy e a Linhares* –, na foto que ilustra a manchete esse discurso segue uma direção completamente diferente: já que no primeiro plano, vemos uma criança sentada no chão e

descalça e, no segundo, nos deparamos com uma casa cujas paredes são feitas de palha, sendo desprovida, inclusive, de vaso sanitário, como informa a legenda da foto, o segundo plano também é marcado pela presença da mãe da criança, uma jovem de 18 anos, grávida, e de uma amiga.

Essa foto, que cobre boa parte da primeira página do jornal, causa certo impacto, ao mostrar a falta de recursos de uma cidade que, sendo uma das maiores recebedoras dos recursos oriundos da exploração do petróleo no seu território, apresenta um nível de infraestrutura incompatível com essa riqueza. Ora, a instância produtora, ao optar por essa dupla direção, marcadamente contraditória, assume o papel de investigadora dessa discrepância, fato que pode ser depreendido da própria manchete, que instaura um ambiente investigativo e de denúncia. O jornal, assim, assume a responsabilidade de descobrir, mostrar e refletir a realidade quando propõe uma reportagem que apresenta os caminhos tomados pelo dinheiro do petróleo, além de indagar o porquê de, nessas cidades, ainda existir esse tipo de discrepância social.

Nessa imagem, percebemos algumas marcas textuais e discursivas que contribuem para os efeitos pretendidos pela instância de produção. Notamos, por exemplo, que o advérbio de lugar “onde” é seguido de um verbo e, na sequência, para mostrar que o dinheiro pode estar escondido em um lugar fechado e não acessível a todos, utiliza-se os parênteses e no seu interior o advérbio de negação, imprimindo à frase certo distanciamento e sugerindo ao leitor que o dinheiro não foi repassado da maneira como deveria.

Os personagens desta foto estão posicionados de forma bastante emblemática, seja de pé e com os braços cruzados numa referência a uma longa espera, como as duas jovens do segundo plano, seja sentado no chão, com os pés descalços e agarrado a um possível sonho para o futuro, representado pela criança segurando um brinquedo, cujo formato lembra um jogador de futebol da seleção brasileira, esses personagens constroem uma comunidade em Presidente Kennedy esquecida pelo poder público e que anseia por melhorias.

Logo, percebemos que a instância de produção deixa entrever, por meio dessas marcas textuais e discursivas um *ethos* investigativo e reivindicatório, preocupada com a má utilização do dinheiro público. Esse fato também pode ser associado à falta do ponto de interrogação na manchete, o que nos leva a deduzir que a reportagem não apresentará suposições ou hipóteses do provável destino do dinheiro, mas sim conclusões definitivas.

No interior do jornal, essas duas perspectivas de leitura são mantidas e reforçadas, já que o texto é dividido estrategicamente em duas páginas, contrapondo-se as abordagens. O título “*Para onde vai (e não vai) o dinheiro do petróleo*” reafirma as construções contraditórias, do tipo “*está e não está*” e “*vai e não vai*”, abrindo-se quatro linhas investigativas que serão desenvolvidas ao longo do texto jornalístico:

[1] “*Onde está o dinheiro do petróleo*”

[2] “*Onde não está o dinheiro do petróleo*”

[3] “*Para onde vai o dinheiro do petróleo*”

[4] “*Para onde não vai dinheiro do petróleo*”

Em [1] e [3], percebemos uma linha investigativa que visa mostrar a localização e o destino dos recursos provenientes do petróleo. Partindo do fato de que o Governo Estadual já delimitou em lei a destinação desses recursos, a reportagem pretende, então, comprovar a aplicação correta desse dinheiro, no entanto em [2] e [4], esse fato se inverte, pois a construção desses enunciados nos mostra que os recursos existem, mas que eles não estão presentes onde deveriam estar, ou seja, são desviados.

Esse discurso de contraposição é reafirmando pelo conteúdo da matéria dividido em duas partes principais, com fotos ilustrando cada uma delas. Na página da esquerda, vemos um homem, sorridente, com as mãos molhadas pelo óleo negro. Ao longo do texto, conhecemos a história de Linhares, um município que foi marcado pelo autoritarismo dos grandes proprietários de terra.

Com relação à construção do texto, percebemos que o intuito da instância produtora é apresentar uma Linhares que cresce e se desenvolve, fato devido, principalmente, ao petróleo:

[5] “*o cacau ajudou o crescimento [...], assim como a fruticultura, a cafeicultura e a indústria moveleira. Mas o que está mudando a cara do município, sem dúvida, é o petróleo*” (grifo nosso)

[6] “*Linhares é hoje o município que mais recebe royalties no Espírito Santo [...] e considerando-se que o pico da produção está longe de ser atingido [...] pode-se prever que o volume dos royalties será bem maior nos próximos anos.*” (grifo nosso)

No fragmento [5], percebemos que a ocorrência do marcador discursivo-argumentativo “*mas*” confere ao petróleo, fonte de riqueza bem recente, o poder de mudar a “cara” do município para melhor, contrapondo-se à longa relação do município com a fruticultura, a cafeicultura e a indústria moveleira, que são minoradas nesse processo. Essa ideia é reforçada com a presença do modalizador epistêmico “*sem-dúvida*”. Daí, observamos a força que esse ouro negro possui, marcando um claro processo de ruptura com a Linhares do passado.

Em [6], temos a comprovação do progresso conferido a Linhares pelo petróleo (fato que pode ser, também, associado à foto), ao mesmo tempo em que a instância produtora, levando em conta as condições de produção desse discurso, prevê ganhos maiores para o município, já que a exploração do óleo nessa região estava apenas começando.

Assim, Linhares investe em infraestrutura, em educação e saneamento básico e boa parte desse progresso está ligada diretamente ao petróleo. Nesse sentido, os *royalties* do petróleo estão sendo bem aplicados, indo direto para os setores onde deveriam estar. Logo, *A Gazeta*, ao mostrar onde está e para onde vai esse dinheiro, coloca-se como uma instância preocupada com a utilização dos recursos públicos.

Na página da direita, a reportagem se volta para o município de Presidente Kennedy. A foto principal da reportagem mostra a mesma criança e a mesma jovem grávida que estamparam a capa do jornal, no entanto, a perspectiva agora é de dentro do barraco de palha, sem banheiro, nem sanitário, onde moram. Percebemos que essa foto, ao mostrar a pobreza e a gravidez na adolescência, relaciona intimamente esses fatos e constitui uma outra imagem do Estado.

Os vários subtítulos que constituem a reportagem situam bem o “tom” adotado pela instância de produção:

[7] Exploração de óleo e gás no Estado, estão gastando seus *royalties*

[8] *Dinheiro enche os cofres públicos, mas não chega à população* (grifo nosso)

[9] *Prefeitura gasta quase um milhão em festas;*

[10] *Na sede do município, obras em ritmo lento;*

[11] *Moradores querem mais investimentos.*

Assim, percebemos que a instância se posiciona no discurso de diversas formas, seja demonstrando as relações de contrajunção [7], na medida em que afirma que os recursos existem, no entanto não são utilizados, permanecendo nos cofres públicos; seja apontando problemas ligados diretamente à administração pública, numa crítica evidente ao poder executivo [8, 9]; seja representando a população, abrindo espaço para que ela se manifeste, mesmo que de forma indireta [10].

Além disso, observamos um recurso muito recorrente nos textos que compõem essa reportagem, sobretudo, quando se associa o petróleo e os recursos ligados a ele à população. Trata-se das relações de oposição, marcando segmentos orientados em sentido contrário:

[12] “*Neide, Andréia e Maura não sabem o que são royalties, mas já ouviram dizer que em Kennedy ‘corre muito dinheiro’*”.

[13] “*A descoberta de petróleo nos mares de Presidente Kennedy criou uma expectativa de progresso e de fim do ciclo de estagnação econômico [...]. Mas a prosperidade ainda não chegou para boa parte dos cidadãos kennedenses.*”.

[14] “*Tanto dinheiro [...] tem ajudado a melhorar as estradas, o atendimento na saúde e o funcionamento das escolas. Mas ainda não conseguiu reverter o quadro de pobreza extrema em que vivem muitas famílias. Tampouco minimizar a falta de infra-estrutura em localidades como São Paulino.*”

(grifos nossos)

Assim, mesmo sendo um fato comprovado, o repasse dos *royalties* para o município de Presidente Kennedy ainda não é de total conhecimento da população que apenas “ouviu dizer” que no município há muito dinheiro [11], sendo excluída desse processo de desenvolvimento, que, *a priori*, deveria chegar a todos, sobretudo às comunidades que mais precisam [12, 13]. Logo, observamos uma perspectiva de continuidade das práticas sociais, pois o petróleo ainda não foi suficientemente forte para instaurar um processo de ruptura, como visto em Linhares, capaz de remodelar essas práticas, inserindo o cidadão kennedense num contexto de progresso e riqueza.

Levando-se em conta as duas páginas que compõem parte dessa reportagem, percebemos duas representações do Estado, dois retratos muito distintos no que tange às questões sociais e

políticas e à constituição de uma identidade do capixaba. Logo, em um primeiro momento, temos a imagem do desenvolvimento no discurso positivo de “onde o dinheiro está”, e num segundo momento, é mostrado “onde o dinheiro não está”, mas deveria estar. Os elementos icônicos (homem com as mãos sujas de petróleo, criança, gravidez na adolescência, barraco de palha), associados ao texto verbal, reforçam a mobilização de recursos identitários, pois caracterizam as comunidades locais, conferindo-lhes traços que distanciam as duas realidades.

No espaço discursivo instaurado por esse contrato, representações distintas do Espírito Santo parecem ser produzidas e compartilhadas, impedindo, no entanto, um sentido de unidade para a população capixaba. Assim, se as representações tendem a organizar coletivamente os valores e crenças que constituem os grupos sociais, ao mesmo tempo em que o tornam visível a outros grupos, aqui temos duas possibilidades de identificação. Somos apresentados a dois grupos diferentes: aquele que é beneficiado pelos grandes investimentos oriundos dos *royalties* da exploração do petróleo e aquele que, mesmo recebendo parte desses *royalties*, desconhece sua utilização. *A Gazeta* parece, assim, potencializar um discurso reivindicatório pela igualdade de condições para a população do Estado, mas a imagem de Estados que se contrapõem é mantida em vários textos e até mesmo, mais recentemente, na série de reportagens *Retratos do Espírito Santo*. De um lado, vários exemplos de cidades que crescem e se desenvolvem com a ajuda do petróleo, construindo um texto de tom otimista, cujo fiador compartilha com o leitor um Espírito Santo forte e rico e, de outro, também vários exemplos de cidades que recebem os mesmos recursos, mas não apresentam o mesmo desenvolvimento, em que o tom dado ao texto é de revolta, sendo o fiador aquele que dá voz à população dessas localidades. Ora, os membros desses grupos tendem a se reconhecer e a se ver como diferentes, posicionando-se como aqueles que são beneficiados ou aqueles que não têm a mesma sorte.

Nessa perspectiva, entendemos vários textos sobre o petróleo deste período como expressando um tom reivindicatório. Dessa forma, o jornal passa a exercer um papel de fiscalizador, que investiga o repasse dos *royalties*, destacando sua boa ou má utilização pelos órgãos públicos.

Passemos à reportagem do dia 30 de março em que o interior do Estado volta a ser retomado por *A Gazeta*. Dessa vez as cidades visitadas são Aracruz e São Mateus, sobre elas o discurso de progresso prevalece, ressaltando o bom uso do dinheiro oriundo do petróleo:

[15] *Transparência no uso do dinheiro público – Aracruz*

[16] *Desafios é gerar novos postos de trabalho para a população – São Mateus*

Em 30 de junho observamos uma relação nada assimétrica entre os *royalties* do petróleo e os investimentos em educação nas cidades de Itapemirim e Anchieta:

[17] *Cidades com verba do petróleo tiram nota baixa na educação;*

[18] *Riqueza do petróleo **ainda não** conseguiu melhorar a educação.*

(grifo nosso)

Mesmo com essa situação desfavorável para a educação, notamos uma certa esperança em [18] na utilização do advérbio “ainda”. A instância de produção parece acreditar que o desenvolvimento vai chegar para essa região. Esse discurso é marcado também por criar representações opondo riqueza e falta de investimento.

Nessas duas abordagens, fica-nos claro que o jornal *A Gazeta* se interessa pelo interior do Estado, sobretudo, no que se relaciona ao seu desenvolvimento ligado ao petróleo. Encontramos, também, uma cobrança ao Governo e à administração pública, que são objetos de uma pressão implícita nesses textos.

Discurso fundador: o marco do pré-sal

Percebemos, a partir da divulgação do marco do descobrimento do petróleo na camada pré-sal, em agosto de 2008 e, conseqüentemente, da sua exploração, um discurso positivo de valorização do Espírito Santo, enquanto Estado que passa a ocupar o segundo lugar no Brasil na exploração do petróleo. Esse discurso parece remodelar as incertezas identitárias dos capixabas em torno de uma grande mudança decorrente do dinheiro desse óleo e de todos os benefícios que ele pode trazer. Ao ser veiculado, esse discurso de riqueza e de desenvolvimento propõe uma perspectiva de mudança contextual que convoca a população a uma valorização do capixaba como pertencente a uma comunidade promissora.

Ao referir-se a esse momento com enunciados do tipo “*Espírito Santo dá início a novo marco na extração de petróleo*”, “*Espírito Santo inicia nova era do petróleo no Brasil*”, “*A maior descoberta de petróleo no Estado*”, “*A extração do pré-sal tem importância mundial*”, esses discursos projetam um novo ES, anunciam uma nova era para o Estado. Ademais, nos textos analisados deste segundo bloco, percebemos uma grande repetição de vocábulos ligados ao progresso: *riqueza, prioridade, novo ciclo, novas chances, nova era, a maior descoberta, descoberta histórica, empregos, receita, novo marco, história mundial*.

Assim, a partir de agosto de 2008, os discursos sobre o petróleo mudam o foco da abordagem contraditória ou ambivalente que os caracterizava e passam a produzir e veicular representações de um Estado que se desenvolve, criando uma matriz discursiva de reinserção positiva do Espírito Santo no contexto nacional. Não se privilegia mais a diversidade das cenas locais e a contraposição das imagens do Estado, mas reforça-se um sentido convergente com o qual a população é convidada a se identificar, compartilhando das promessas desse novo momento. Assim, em 06 de agosto de 2008, a uma semana do início da exploração da camada pré-sal, o discurso presente em *A Gazeta* mostra que essa nova era, apesar de ainda não ter começado, já enriquece o Estado:

[19] *A riqueza que o petróleo já traz para o Estado;*

[20] *O petróleo que está gerando receita e empregos no Estado.*

(grifos nossos)

Encontramos, nessa reportagem, os dados numéricos que comprovam o crescimento da participação da Petrobras no Espírito Santo. Ao citar como marco a exploração da camada pré-sal, que ocorreria dentro de alguns dias, esse discurso reforça o caráter demarcatório dessa exploração, mas reitera, também, a importância das descobertas feitas anteriormente no Estado. Logo, essa nova fonte de riqueza vem potencializar aquela que “já existe” e que “já está” trazendo benefícios para o Estado.

Orlandi (1993), ao estudar o discurso fundador, destaca o seu papel na formação de um país, pois é esse discurso que instala as condições de formação de outros, filiando-se à sua própria possibilidade e instituindo em seu conjunto um complexo de formações discursivas, que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade. Assim, os sentidos produzidos por esses discursos são muitas vezes resultados de uma ruptura com aqueles já

instalados, estabelecendo uma nova ordem de sentidos. Acreditamos que as reportagens veiculadas após o início da exploração da camada pré-sal, a maior descoberta de petróleo no Estado, propõem uma ruptura com os sentidos já estabelecidos e enraizados no imaginário de identidade da população capixaba. Assim, esses discursos produzem uma nova imagem do Estado potencialmente fundadora de elementos de identificação para a identidade capixaba que pode ser então reconstruída, levando-se em conta esse novo momento e as representações que lhe são associadas.

[21] *Petróleo: novo ciclo começa hoje com poço no Litoral Sul – 12 de agosto* (Primeira Página)

[22] *Espírito Santo dá início a novo marco na extração de petróleo – 12 de agosto* (p.15)

[23] *Espírito Santo inicia nova era do petróleo no Brasil – extração do pré-sal tem importância mundial – 02 de setembro* (Primeira Página)

[24] *ES marca histórica mundial da exploração do petróleo – 02 de setembro* (p. 13)

[25] *A maior descoberta de petróleo no Estado – 22 de novembro* (Primeira Página)

[26] *Descoberta histórica de petróleo no Estado – 22 de novembro* (p.17)
(grifos nossos)

Percebemos que o Espírito Santo é marcado por representações positivas, que vem de encontro a toda uma história de exclusão e esquecimento. O caráter subalterno do Estado parece, assim, ser transformado: trata-se agora de uma região cuja importância econômica lhe permitiria, por exemplo, passar pela crise internacional sem ser muito afetado por ela, fato que não poderia ser percebido nos outros estados do Brasil, sobretudo nos vizinhos da Região Sudeste. A presença de expressões e representações de uma nova era funda um discurso de riqueza e de desenvolvimento e está presente em todas as reportagens analisadas.

Percebe-se, assim, que a instância de produção dos discursos sobre petróleo constrói-se como um enunciador que se apresenta preocupado com as questões que envolvem a retomada do desenvolvimento pelo Espírito Santo e vai, portanto, veicular discursos que permitam ao capixaba se reconhecer em um novo momento, em um processo de reconstrução identitária. Os sentidos e as representações veiculadas recriam um *ethos* coletivo de desenvolvimento e riqueza para o Estado, que passa a ser repetido nesses discursos, especialmente pós advento do pré-sal. O Estado passa a ser representado num ambiente de reconhecimento nacional e internacional, ocupando o segundo

lugar na exploração de petróleo no Brasil, que se enriquece e enriquece seu povo. Os sentidos ressignificados de um Estado promissor convocam o capixaba a tomar parte de uma mudança na história e na trajetória social do Espírito Santo.

Palavras finais

A importância da exploração do pré-sal no ES está intimamente ligada à recorrência do discurso sobre ele. É o tom otimista e convicto dos textos de *A Gazeta* que legitimam essa representação positiva da exploração do pré-sal e do Estado. Ao levarmos em conta a sistematicidade do discurso do pré-sal veiculado em *A Gazeta*, percebemos que o jornal entra nesse debate, assumindo uma posição de defesa contundente a favor do Estado. *A Gazeta*, assim, ganha diante da população capixaba um *status* de porta-voz, num contexto de grande intimidade com as questões do Estado. Logo, como a história de constituição do jornal está intimamente ligada à história de constituição do Espírito Santo, *A Gazeta*, ao defender o Estado, defende, também, o seu próprio papel nessa história.

Nas análises propostas, notamos que *A Gazeta* tematiza a exploração do petróleo no Estado, antes e depois da descoberta do pré-sal, apresentando, inclusive, a repercussão dessa exploração para o desenvolvimento do Estado. Os discursos veiculados nesse período, repetidos de forma sistemática, passam a funcionar como um discurso fundador na medida em que propõem uma ruptura com os sentidos já instalados e que relacionavam o ES a um estado menor, sem grande representatividade, o Estado se mostra, agora, forte o suficiente para lutar contra as perdas dos *royalties*, inclusive se associando a outros estados. Podemos pensar, também, esse discurso fundador como aquele da campanha “O petróleo é nosso”, na década de cinquenta, que defendia a nacionalização do petróleo, numa clara oposição à exploração estrangeira dessa riqueza. Assim, o discurso do pré-sal reativa essa memória discursiva que relaciona o petróleo ao progresso do país. *A Gazeta* ao veicular esse discurso parece convocar os capixabas a remodelarem seus valores identitários de incerteza que marcaram a história da constituição do Estado.

Tínhamos visto que, antes da descoberta do pré-sal, os discursos de *A Gazeta* sobre a exploração do petróleo no Estado mostravam diferenças internas na distribuição das “riquezas” desse óleo: cidades e microrregiões do Estado eram contrastadas, num discurso ambivalente de riqueza e atraso, com tom reivindicatório e fiscalizador com relação ao governo. Mas, após a descoberta do pré-sal em

2008, os impasses encontrados em cidades do interior, associados à distribuição irregular dos *royalties*, parecem ser esquecidos em nome de uma valorização do Estado como um todo, que luta em torno de um bem comum, dentro de um contexto possível de enriquecimento, associando-se, inclusive, a outros estados cujo objetivo na “luta” é compartilhado.

A luta discursiva empreendida por *A Gazeta* parece ter caráter emblemático na medida em que nesse processo ela passa a ostentar o papel de interventora, de reivindicadora e de fiadora de uma mudança regional que depende, no entanto, de aprovações de leis federais que insistem em desconsiderar o Estado, fato ligado a uma história de exclusão e de isolamento que não é recente e que se mostra cada vez mais presente, como constatamos na votação dos parlamentares sobre a continuidade ou não do FUNDAP. O resultado da votação não nos surpreendeu...

Referências

ABREU PENNA, Lincoln. Os panfletários da República: a campanha do petróleo na imprensa nacionalista. *ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 4, nº7, p.83-98, jul/dez: 2003

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006

COSTA, Sérgio. Diferença e identidade: a crítica pós-estruturalista. In: VIEIRA Liszt. (org.) **Identidade e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2009

FERNANDES, Vilmar. O outro lado do Espírito Santo. Reportagem especial. **A Gazeta**. Vitória, p. 12-13, 15 maio 2011.

FILHO, Abdo. A cidade de Luiz tem futuro. A de Helder nem tanto. **A Gazeta**. Vitória, p. 22-23, 22 de maio 2011

FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens pós-modernas**. Configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990

MOITA LOPES, Luis Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In:_____.(org.) **Discursos de identidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O Discurso Fundador:** a formação de um país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993

VOGAS, Vitor. Progresso? Eles não conhecem, nunca viram. **A Gazeta.** Vitória, p. 24-25, 29 de maio 2011